

Já se pensa em 98

Carlos Chagas

27 SET 1994

Suponha-se, apenas para argumentar, que os números não estejam mentindo. Que Fernando Henrique Cardoso chegue ao dia 3 com margem de votos superior em sete ou oito pontos a todos os seus adversários, somados. Estará, então, eleito no primeiro turno. Afinal, os institutos de pesquisa só podem manipular dados quando se trata de medir os níveis televisivos de audiência. Não se cogitou, ao menos por enquanto, de uma eleição para tirar a prova, da qual participem todos os telespectadores nacionais, revelando que canal estão assistindo. Temos mesmo que nos condenar à amostragem, e é nessa hora que prevalece a máxima do "me engana que eu gosto". Nas eleições para presidente da República não dá para distorcer, escamotear ou embair até o fim porque a prova dos nove vem logo a seguir, e nenhuma dessas instituições se arrisca a perder o pouco que dispõe de credibilidade.

O que acontecerá no país se o **tucano** vier mesmo a vencer, conhecendo-se os números definitivos em uma semana ou pouco mais, após o pleito?

Do lado do vencedor, não fica difícil prever. De início, ele se isolará provavelmente numa praia distante. O Ceará candidatou-se a oferecer sol, areia e águas tépidas, mas, certamente, outros estados entrarão na disputa. Enquanto seleciona possíveis ministros o presidente eleito também estará costurando o programa de governo, selecionando prioridades e fazendo conhecer esta ou aquela iniciativa de impacto, para os primeiros dias de sua administração. É provável que, com a tarefa não concluída, mas definida, opte pela tradicional viagem ao exterior, do tipo das que empreenderam Tancredo Neves e Fernando Collor. Beijar a mão do Papa, ser recebido pelo rei da Espanha, pelos primeiros-ministros da Inglaterra e da Alemanha e pelos presidentes da

França, dos Estados Unidos e do México não deixa de ser tão necessário quanto estimulante.

A pergunta que se faz é a respeito do outro lado. Os derrotados, como se comportarão? O Eneás, por certo, irá se encaixar outra vez no consultório e nas salas de aula, aguardando 1998 para emergir de novo. Orestes Quêrcia reunirá os cacos do PMDB que não tiverem aderido a Fernando Henrique, voltando a cultivar as bases municipalistas de São Paulo como trampolim para tentativas presidenciais posteriores. Leonel Brizola se recolherá por uns tempos mas ninguém pense estar pendurando as chuteiras. Para Esperidião Amin o retorno ao Senado é evidente, com mais quatro anos de mandato que possui.

E o Lula? O Lula tratará, primeiro, de resistir à canhestra sugestão de alguns radicais postados a seu lado, para que aceite lugar na direção de um desses organismos internacionais ligados ao trabalho. Não teria sentido mandar-se para Estocolmo, Berlim ou Madri, como pretendem seus falsos amigos, e menos porque não fala espanhol, alemão ou sueco. Ficará mesmo no ABC, senão iniciando desde já a campanha para as próximas eleições, ao menos preparando-se para ela e chefiando uma oposição popular e não congressional, calcada nas reivindicações operárias mais do que justas. No primeiro momento, até, poderá dispor-se a liderar movimentos grevistas de certo vulto. Terá tempo para estudar em detalhes a vida do presidente François Mitterrand, aquele que disputou e perdeu quatro eleições, até instalar-se no palácio Eliseu.

Em suma, as coisas seguirão seu curso natural, sem maiores surpresas. E, como as futuras eleições presidenciais já estarão riempolgando corações e mentes, não será prematuro especular o futuro do governo e os candidatos ao príncipe herdeiro de FHC: Mario Covas, José Sarney, Ciro Gomes, Tasso Jereissati, Marco Maciel. Sem esquecer Paulo Maluf, correndo por fora.

COMENTÁRIO DE CARLOS CHAGAS